



PARTICIPE!

**CARTILHA DESTINADA A EMPRESAS PARA
RECONHECER E AJUDAR VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA
DOMÉSTICA NO AMBIENTE DE TRABALHO**





APRESENTAÇÃO

Esta cartilha foi desenvolvida com o intuito de informar empresas à respeito da violência doméstica e dos Direitos das Mulheres, além de mostrar como estas podem contribuir positivamente na luta contra a violência através do programa Tem Saída, que atua na garantia da autonomia econômica das vítimas.

INTRODUÇÃO

Uma em cada três mulheres ao redor do mundo já sofreu algum tipo de violência ao longo da vida, é o que apontam os dados das principais entidades do setor. Na maioria das vezes os agressores são seus maridos, namorados ou alguém de suas próprias famílias, e as violências podem se apresentar de diversas formas, sendo física, psicológica, moral, sexual e até mesmo patrimonial. Essas formas de violência chegam a custar mais de R\$ 1 bilhão aos cofres públicos e afetam a mulher também em sua esfera profissional.

Esse conjunto de agressões é o que chamamos de violências de gênero, pois são resultado da visão que a sociedade tem em relação à mulher e sobre seu papel na sociedade, remetendo à submissão.

Nesta cartilha, você encontrará informações sobre como reconhecer e ajudar uma mulher que seja vítima de violência e esteja dentro do seu ambiente de trabalho. Este material também ajudará a impactar positivamente a vida de milhares de mulheres por meio de experiências e boas práticas de empresas que possuem parceria com o programa Tem Saída.

O Programa é uma das formas de romper com o agressor, uma vez que uma mulher com liberdade econômica e autonomia financeira consegue reconquistar pelo menos parte da sua independência e auto estima.

O PROGRAMA

O Programa Tem Saída é uma política pública realizada pela Prefeitura de São Paulo, por meio das Secretarias de Desenvolvimento Econômico e Trabalho e de Direitos Humanos e Cidadania, em parceria com a Defensoria Pública, o Ministério Público, Tribunal de Justiça, a ONU Mulheres e a OAB-SP, que busca promover a inclusão econômica de mulheres em situação de violência doméstica e familiar.

O Tem Saída promove a inclusão econômica de mulheres em situação de violência doméstica e familiar. O objetivo do Programa é viabilizar a autonomia financeira de mulheres através da sua inserção no mercado de trabalho e geração de renda, contando com o apoio da iniciativa privada que disponibiliza vagas e oportunidades de emprego exclusivas para as beneficiárias. As empresas são sensibilizadas e capacitadas para melhor acolher as vítimas e a trabalhar com elas.

PARCEIROS E ATUAÇÕES

A violência contra a mulher deve ser combatida por vários ângulos, por isso o programa conta com vários parceiros a fim de criar uma rede de proteção e assistência para você!

PREFEITURA DE SÃO PAULO



**CIDADE DE
SÃO PAULO**
DESENVOLVIMENTO
ECONÔMICO
E TRABALHO
DIREITOS HUMANOS
E CIDADANIA

Atua na mobilização de empresas e na captação de vagas e oportunidades de trabalho. Coordena junto às empresas os processos seletivos, prestando apoio e acompanhando às beneficiárias.

TRIBUNAL DE JUSTIÇA



A Coordenadoria da Mulher em Situação de Violência Doméstica e Familiar do Poder Judiciário (COMESP), atua no combate e prevenção à violência de gênero, fornecendo subsídios técnicos para a formulação de políticas judiciais e atuando na interlocução com a rede de atendimento à mulher.

MINISTÉRIO PÚBLICO

MPSP

Ministério Público
DO ESTADO DE SÃO PAULO

Promove ações penais de responsabilização dos autores de violência doméstica e familiar e solicita medidas protetivas. Desenvolve ações de orientação às mulheres em situação de violência, capacitação de profissionais da rede de atendimento às mulheres, fiscalização de políticas públicas, etc.

DEFENSORIA PÚBLICA



DEFENSORIA PÚBLICA
DO ESTADO DE SÃO PAULO

Oferece orientação jurídica de forma gratuita. Atende vítimas de violência através do NUDEM - Núcleo Especializado de Promoção e Defesa dos Direitos das Mulheres, e as encaminha para o programa.

ONU MULHERES



Sensibiliza empresas para combaterem a violência doméstica, capacitando-as ao programa. As empresas são incentivadas a participarem do "Pacto Global" e do programa "7 Princípios de Empoderamento das Mulheres".

OAB - SÃO PAULO



Cabe à Ordem dos Advogados do Brasil dar apoio ao trabalho dos órgãos de Justiça nesse processo, prestando todo apoio jurídico necessário ao Programa.

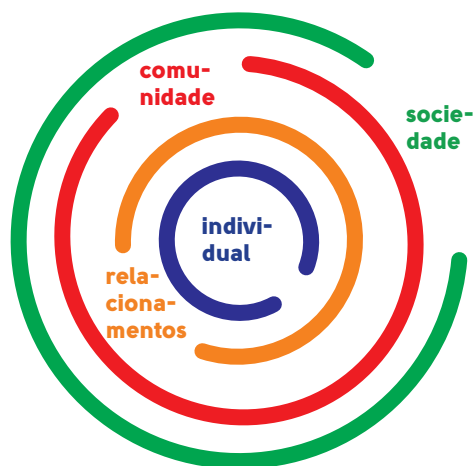
EMPRESAS PARCEIRAS

As empresas apoiadoras do programa disponibilizam vagas exclusivas para as mulheres vítimas de violência doméstica. Todas as empresas parceiras passam por processo de sensibilização e treinamento para entenderem da forma mais completa possível como lidar com as beneficiárias e com o tema da violência dentro de suas organizações. Se sua empresa deseja participar do programa Tem Saída, oferecendo vagas e contratando participantes, mande um e-mail para: temsaida@prefeitura.sp.gov.br

O QUE ESTÁ POR TRÁS DA VIOLÊNCIA?

A violência contra a mulher resulta da combinação de uma série de fatores, em diferentes níveis sociais, que causam os abusos. A ilustração a seguir evidencia todas as camadas que compõem a violência:

1 O círculo central representa as questões biológicas e pessoais de cada indivíduo que influenciam em seu comportamento, ou seja, os aspectos individuais deste indivíduo



2 O segundo círculo é o contexto no qual o indivíduo está inserido, o seu relacionamento com a vítima e, também, onde as agressões geralmente acontecem

3 O terceiro espaço, representa as instituições e estruturas sociais, tanto formais quanto informais, que podem ser chamadas de comunidade e que são representadas pelas relações sociais mais próximas do indivíduo

4 O último, o quarto círculo, representa o cenário econômico e social vigente, incluindo normas culturais, chamada de sociedade

Existem diversas formas de identificar indivíduos que podem ter tendências a perpetuar um comportamento de risco para as mulheres, que se utilizam de algumas variáveis, dentre elas: as características demográficas nas quais ele se encontra, fatores de riscos ocorridos durante a infância, como presenciar brigas domésticas entre os pais e/ou sofrer agressões sexuais na infância e juventude, o abuso de álcool e outras drogas, e atitudes machistas e sexistas expressas em seu convívio social.

Essas características podem levantar sinais de alertas para a mulher, seus familiares e amigos, e devem ser abordadas e endereçadas quando for pertinente.

O QUE É VIOLÊNCIA DE GÊNERO?

A violência de gênero é uma forma de violência física ou psicológica praticada contra qualquer pessoa, ou grupo de pessoas, se utilizando como base o seu sexo ou gênero, impactando de maneira negativa no bem-estar social, físico e/ou psicológico da vítima.

De acordo com a Organização das Nações Unidas o termo é funcional ao distinguir a violência comum daquela que se dirige ao indivíduo, em relação ao seu gênero. Isso significa

que essa violência da qual sofrem muitas mulheres, provavelmente, é praticada pelo seu agressor por acreditar que homens devem exercer sua força de dominação e potência sobre elas, preceitos que devem ser desconstruídos na nossa sociedade.

A violência de gênero, como fenômeno social, encontra-se presente em todas as classes e em diversas culturas, e é nosso trabalho lutar para que essa forma de violência não mais aconteça.

O QUE É VIOLÊNCIA DOMÉSTICA?

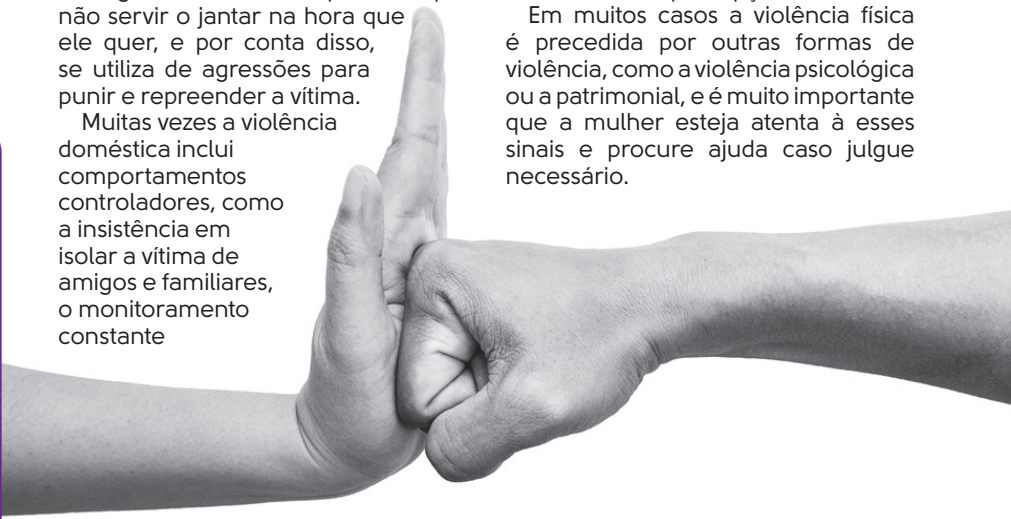
A essência da violência doméstica consiste num padrão de violências coercitivas, que podem ser físicas, sexuais, psicológicas e verbais. A violência coercitiva acontece quando o agressor acredita que a mulher fez algo "errado", como por exemplo não servir o jantar na hora que ele quer, e por conta disso, se utiliza de agressões para punir e repreender a vítima.

Muitas vezes a violência doméstica inclui comportamentos controladores, como a insistência em isolar a vítima de amigos e familiares, o monitoramento constante

e restrições de todos os tipos - desde roupas até lugares que devem ser frequentados.

As diferentes formas de violência podem se apresentar de maneiras muito diferentes, podendo ser, por vezes, de difícil percepção.

Em muitos casos a violência física é precedida por outras formas de violência, como a violência psicológica ou a patrimonial, e é muito importante que a mulher esteja atenta à esses sinais e procure ajuda caso julgue necessário.



MAGNITUDE DO PROBLEMA

X MERCADO DE TRABALHO

Apesar de todo esforço para combater a violência doméstica nos mais diversos níveis no país, os números só vêm crescendo



a cada 2,6 segundos

uma mulher é vítima de violência verbal



a cada 7,2 segundos

uma mulher é vítima de violência física



a cada 2 minutos

uma mulher é vítima de arma de fogo



a cada 22,5 segundos

uma mulher é vítima de espancamento ou tentativa de estrangulamento

36% das brasileiras já sofreram violência doméstica, e a maioria, às vezes, nem conhece todas as formas da violência!

43,1% dos casos, a violência ocorre tipicamente na residência da mulher, e em 36,7% dos casos a agressão se dá em vias públicas. A cada ano, cerca de **1,3 milhão de mulheres são agredidas no Brasil!**

De acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada o índice de violência contra mulheres que integram a população economicamente ativa (52,2%) é praticamente o dobro do registrado pelas que não compõem o mercado de trabalho (24,9%). Assim, devemos estar sempre atentos e abertos à acolher as mulheres que integram a força de trabalho!

Com relação ao perfil das vítimas:

- Maioria é negra (54%)
- Tem entre 20 e 69 anos
- Tem filho (80%) - a maioria destes acaba presenciando a violência (64%)

Quando tratamos de mercado de trabalho, as mulheres são o grupo com menores oportunidades:



7 vezes mais importante ter um diploma universitário para as mulheres de 18 a 24 anos do que para os homens da mesma faixa etária, de acordo com pesquisa feita pelo Google



Entre os trabalhadores com Ensino Superior a diferença é ainda maior, chegando a 38%; 44% dos desempregados em São Paulo (que representam 15% da população em idade economicamente ativa) é do sexo feminino, ao todo são 646.600 paulistanas e 60% destas mulheres afirmam que homens possuem mais oportunidades no mercado.



Mulheres ganharam 22% menos que os homens

Para uma mulher que não é vítima de violência, o mercado de trabalho já é algo difícil e muitas vezes impossível.

Imagine para uma mulher que sofre com a violência dentro da própria casa?



ROMPIMENTO DE CICLOS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA



Empoderamento econômico e financeiro

No árduo processo de rompimento deste ciclo de violência, o empoderamento econômico e financeiro da mulher pode se apresentar como uma peça-chave para a superação da situação violenta a qual está sujeita.

Muitas vezes as mulheres que são vítimas de violência doméstica e familiar possuem os seus direitos econômicos e financeiros negados por aquele

que pratica a violência, não podendo trabalhar, ou tendo que entregar seus salários e rendimentos para o agressor. Muitas dessas mulheres ainda são dependentes financeiramente do agressor, o que faz com que a quebra desse ciclo seja mais complicada.

Ao estimular a colocação profissional de mulheres que se encontram nessa situação, procuramos romper com esses padrões de atuação violenta que atuam na subjugação desta mulher, empoderando-a e tornando possível a busca por uma independência cada vez maior de seus agressores.

POR QUE EMPODERAR MULHERES ECONOMICAMENTE?

A mulher é, muitas vezes, o elo econômico mais fraco, por conta dos motivos colocados nesta cartilha e por acumular mais papéis do que o homem, sendo a maior responsável por cuidados da casa e da família.

Este cenário se torna pior, quando

O empoderamento financeiro liberta!

consideramos raça e classe social.

O empreendedorismo e a independência financeira são questões essenciais no debate da violência contra a mulher, já que podem se tornar a maneira mais efetiva de sair de situações de agressão doméstica, através do empoderamento econômico.

Muitas mulheres que ainda são vítimas de violência possuem dificuldades em romper com esses ciclos e é aqui que devem entrar os esforços conjuntos entre iniciativas econômicas e iniciativas de prevenção à violência contra a mulher.

ATUAÇÃO DA INICIATIVA PRIVADA

O que a sua empresa pode fazer para combater a violência doméstica a qual podem estar sujeitas as suas próprias funcionárias?

Gerar um ambiente acolhedor e conscientizar as funcionárias sobre a violência doméstica. Muitas mulheres sentem vergonha de dividir suas histórias de agressão. O papel das empresas é de trabalhar a informação na comunicação interna, em palestras de conscientização e rodas de conversa, de forma a não julgar, mas dar apoio, fortalecer e orientar essa mulher, além de fornecer palestras para os homens também.

Com base nessas conversas, treinar funcionários da liderança a identificar evidências de violência doméstica. As vítimas perdem, em média, 18 dias de trabalho por ano apenas por consequência direta da violência. Além disso, essas mulheres sofrem com perda de produtividade, capacidade de decisão, carreiras mais instáveis e maiores riscos de desenvolver depressão, e todos esses sinais podem servir como indicadores de uma situação de violência pela qual essa mulher possa estar passando.

Disponibilizar um canal telefônico ou digital no qual as funcionárias possam buscar ajuda psicológica e jurídica, além de sanar dúvidas a respeito de onde conseguir ajuda.

Não suprimir o papel do Estado, mas sim ampliar a rede de apoio às vítimas, criando ambientes seguros de escuta para denúncias e tendo acesso à rede de apoio à mulher que é vítima para poder instruí-la na busca de auxílio sobre os serviços existentes.

Tentar sempre entender qual é a necessidade da vítima – se ela precisa de auxílio jurídico, financeiro, psicológico ou alguma ação em específico como mudança na rota do fretado para garantir mais segurança ao chegar em casa, adiantamento de férias, abono de faltas, ou transferência para outra localidade.

Manter uma comunicação ativa interna a respeito do tema, com rodas de conversa, workshops, pesquisas sobre violência doméstica com os funcionários para mapear o que pensam e entendem sobre o tema, eventos com convidadas especializadas, entre outras iniciativas.

O Tem Saída também se preocupa em auxiliar as empresas a iniciarem essa conversa. Então procure o programa para começar a abordar este tema tão importante nas suas empresas!

Boas práticas

As empresas parceiras do Tem Saida são aconselhadas a encontrar soluções que podem ser replicadas por outras, apresentando importantes avanços no combate coletivo a qualquer forma de violência doméstica e familiar da qual podem sofrer suas funcionárias.

Quando entram no programa, as apoiadoras passam por treinamento e sensibilização junto a Equipe Técnica dos Parceiros Institucionais, que dão dicas, oferecem opções, e networking para que a empresa esteja confiante e segura de sua atuação.

Como você deve agir neste combate?

Se perceber que uma de suas colaboradoras está em situação de violência doméstica, o ideal é traçar junto a vítima um plano de segurança. Procure estabelecer uma relação de confiança, evite julgá-la, infantilizá-la, ou pior, culpá-la pelo ocorrido. Para a boa comunicação o certo é que ela seja ouvida, sem que o confidente pressuponha algo, lembre-se: cada história é única.

Na hora de aconselhá-la, cuidado com propostas irreais e equivocadas. Nunca faça promessas! Quando uma vítima se aproximar de você e confiar as violências sofridas, ela confia em você, e por isso, você acaba se tornando essencial, seu apoio faz toda a diferença e seu papel é fundamental!

Recursos não verbais

As vítimas por vezes apresentam os sinais de que algo não está certo através da linguagem visual. O contato visual, postura, tom de voz e inquietações podem ser pistas para identificar agressões.

Perguntas abertas X fechadas X indiretas

As perguntas servem para entender a gravidade da situação da vítima, ou até mesmo gerar uma comunicação com a mulher. Perguntar demonstra interesse e pode ser um bom recurso para fazê-la se libertar do medo da denúncia e de pedir ajuda!

Cuidado para não começar a perguntar sem antes estabelecer um contato seguro com a mulher. Se ela não confia em você, ou não te vê como amigo/a, não irá confidenciar e se fechará ainda mais.

Abertas: busca entender a vítima e a situação - Como foi pra você?; Como você enfrentou isso?; Poderia me falar um pouco mais sobre isso?... Caso não haja a abertura necessária pode fazer colocar a mulher na defensiva. Evite sempre o uso de "porquês".

Fechadas: perguntas específicas para problemas específicos. Quem pergunta decide o tom e o teor da conversa - Você está com o agressor?; Você já o deixou antes?

Indiretas: dá a chance da pessoa responder, ou não e ajuda a melhorar o clima da conversa, a vítima não se sente tão envergonhada ou pressionada. - Estou aqui pensando, deve ser difícil...; Você parece se sentir mais forte hoje.

Se você se interessou pelo trabalho do Programa Tem Saída e gostaria de se juntar à nós no Combate à Violência Contra a Mulher, não hesite em nos contatar.

Junte-se a nós para combater a violência e melhorar a vida destas mulheres bem como a de suas funcionárias atuais, abrindo espaços em sua equipe para o diálogo, o acolhimento, e para novas profissionais.

temsaida@prefeitura.sp.gov.br
(11) 3224-6010

